

## Peregrinações de Nancy Huston. O caminho físico e psicológico de Rena, heroína de *Infrarouge*. Cenas em negativo

- Nubia Hanciau  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande

*“Somos peregrinos no tempo”, não era, sob a pena de Santo Agostinho, uma exortação, mas uma declaração de verdade. O que quer que façamos, somos peregrinos, e há pouco a fazer a esse respeito, mesmo que quiséssemos. A vida terrena é apenas uma abertura para a eternidade da alma. Em última análise, não se trata de onde o destino nos determine a estar – e só a parte de nós destinada a estar em outro lugar é digna de preocupação e cuidado (BAUMAN, 2011, p. 116).*

*[...] e mesmo que os homens caminhassem constantemente para trás, de qualquer jeito eles continuariam a avançar no tempo. Não temos outra escolha senão avançar (HUSTON, 1993, p. 91).*

Em *Infrarouge*, décimo segundo romance de Nancy Huston, a heroína Rena Greenblatt convida Simon, seu pai, e sua mulher, Ingrid, para celebrarem os setenta anos dele em viagem a Florença. Rena, 45 anos, físico andrógino, é fotógrafa, especialista na técnica “infravermelho”, que dá título à obra. Simon Greenblatt, judeu canadense, quando mais jovem foi um brilhante neuropsicólogo e também entusiasta das viagens, notadamente as psicodélicas. Um de seus heróis, Leonard Cohen<sup>1</sup>, de idade aproximada à sua, cresceu em Westmount e, como ele, estudou na Universidade McGill, em Montreal, no Canadá. Rebelde e marginal, outro de seus ídolos, Timothy Leary<sup>2</sup>, foi

---

<sup>1</sup> Leonard Cohen nasceu em Montreal, província de Quebec, Canadá, de família judia de origem polonesa. Sua infância marcada pela morte do pai, quando Cohen tinha apenas 9 anos, foi fato determinante para o desenvolvimento de uma depressão que o acompanharia durante boa parte da vida. Aos 17 anos, ingressa na Universidade McGill e forma um trio de música *country*. Paralelamente passa a escrever seus primeiros poemas, inspirado por autores como García Lorca. Em 1956 lança seu primeiro livro de poesia, *Let Us Compare Mythologies*, seguido em 1961 por *The Spice Box of Earth*, que lhe conferiria fama internacional. Em 1963 lança *The Favorite Game*, seu primeiro romance, seguido pelo livro de poemas *Flowers for Hitler*, em 1964, e pela seu segundo romance, *Beautiful Losers*, em 1966. Em 2011 foi o vencedor do Prêmio Príncipe das Astúrias das Letras, pela reconhecida alta qualidade de sua obra literária cantada e escrita. É pouco comum essa distinção ser entregue a um autor mais conhecido por sua obra musical. Adaptado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard\\_Cohen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard_Cohen)

<sup>2</sup> Timothy Francis Leary, PhD. (1920-1996). Professor de Harvard, psicólogo, neurocientista, escritor, futurista, libertário, ícone dos anos 60 e do hedonismo, Leary ficou famoso como proponente dos benefícios terapêuticos e espirituais do LSD, para ele o *substructio* do progresso humano. Amigo pessoal de John Lennon, foi expulso de Harvard em 1963, depois de ter promovido uma experiência psicotrópica com uma turma inteira de estudantes de psicologia (com o consentimento destes, naturalmente). Mais

autor da frase destinada a tornar-se seu mantra: “Não há doenças mentais, apenas circuitos nervosos desconhecidos ou mal explorados” (p. 34). Simon pretendia compreender e descrever as origens da consciência, em tese jamais escrita, tampouco defendida, mas perseguida ao longo de dez anos.

Afundado com a primeira mulher, Lisa Heyward, em “absurdas querelas conjugais”, agora, aos setenta anos, Simon Greenblatt transformou-se em um homem cansado, de conversa hesitante, uma sombra apenas do brilhante polêmico cientista que fora um dia. Ingrid, sua segunda mulher, uma sólida holandesa, acreditava que a única destruição na história da humanidade fora a de sua cidade natal, Rotterdam, praticada pelos alemães (p. 19), em 1940. Impassível diante das mais belas obras-primas da humanidade, pouco sensível frente às sutilezas picturais florentinas, ela referenda o *leitmotiv* encontrado nas primeiras páginas do livro: “São idiotas os turistas. Tornando-nos turistas, tornamo-nos idiotas” (p. 36), contrariando a afirmativa do pensador contemporâneo Zygmunt Bauman, em *Vida em fragmentos*, quando diz que “o turista é um caçador consciente e sistemático de experiências” (p. 132). A má vontade do casal, travado, que não conseguia evitar os problemas da rotina, comportando-se como turistas ignorantes, sua inacreditável inércia, a maneira imperdoável de mergulhar no banal (p. 160), a ponto de se impedir de descobrir as riquezas patrimoniais da cidade, são fatores que levam Rena a mantê-los à distância, “na mira” (p. 16), a metralhá-los com sua Canon para que o dia a dia na Toscana não se transformasse em calvário.

Ao mostrar seu passaporte à recepção do hotel Guelfa, em Florença, na manhã da chegada e do reencontro dos três, Rena lembra que na “verdade teme esse instante há semanas” (p. 15). “Sei que é absurdo, mas me sinto culpada antes mesmo de começar” (p. 15). Quando Aziz, seu amante argelino, pede que ela volte a Paris o mais rápido possível – é outubro de 2005, a inesquecível revolta dos bairros se estende um pouco mais a cada noite, o jornal *De la Marge*, onde ela trabalha, tem urgência de seu talento de fotógrafa<sup>3</sup> –, ela resiste mesmo assim, decide continuar a viagem e permanecer na

---

tarde, a administração do Presidente Nixon fez do Prof. Leary um bode expiatório na sua luta reacionária e conservadora contra a contracultura que abundava na época, enviando-o para a prisão pela sua veemente posição contra a proibição do LSD. Adaptado de: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Timothy\\_Leary](http://pt.wikipedia.org/wiki/Timothy_Leary)

<sup>3</sup> Em 27 de outubro de 2005, Zyed e Bouna, de 15 e 17 anos, perseguidos pela polícia, falecem acidentalmente em Clichy-sous-Bois (Seine-Saint-Denis). A notícia da morte desses dois jovens eletrocutados numa estação elétrica ao tentar fugir da polícia, que sacudiu Paris e se espalhou pelo país, engatilha as espetaculares revoltas que se propagam rapidamente pelos subúrbios pobres através da França. A violência urbana pouco atinge os bairros centrais. As confusões, relatadas pela imprensa de

Itália. Mais adiante, porém, a ideia de ceder à tentação de indiferença e sucumbir no tempo amorfo de Simon e Ingrid faz com que ela mergulhe mais uma vez no pânico: “Melhor seria dar meia-volta, voltar ao hotel, depois cada um para sua casa: toda esta viagem é um erro gigantesco” (p. 162).

Se Rena decide ficar, insiste em continuar a viagem apesar dos maus augúrios, isso se deve ao seu ser excessivo, indócil e obstinado, fiel nesse momento a um único homem, Simon, seu pai. Embora essa experiência de estar longe a conduza a experimentar o sentimento de exílio e perda de Aziz, ela está perto o suficiente para entender o enigma de uma sempre adiada “aproximação” com o pai, para pensar que durante esses oito dias de férias, entre Paris e Florença, se esboça o drama da condição de fora do lugar, quando poderá habitar, preencher, ainda que simbolicamente, as lacunas deixadas pela distância e suas decorrências. Viver por uma semana a vida como peregrinação, investir na caminhada enquanto vagam pelas ruas “caminhando para” e, nessa trajetória, olhar as pegadas deixadas atrás. Tentar refletir sobre a estrada passada, aproveitar a temporada no país de Dante e do Renascimento, respondendo quando possível às perguntas mais íntimas de Subra, confidente, duplo, amiga imaginária especial, que inventou há décadas ao contemplar uma foto de Diane Arbus<sup>4</sup>, seu ídolo.

---

numerosos países, dizem respeito, por um lado, ao estado de revolta latente dentro de certos bairros de população minoritária, tipicamente pobre e mal integrada; por outro, apontam para o sucesso discutível da política de reintegração regional em seu esforço para impedir esse conflito. Nascida em 1953 no Canadá anglófono (Calgary), N. Huston muitas vezes dirige seu olhar indulgente e amoroso a essa França onde escolheu viver, mas não sobre seus governos ou governantes.

<sup>4</sup> Diane Arbus (Diane Nemerov), nasceu em 14 de março de 1923, em New York City. Fotógrafa americana, célebre por seus retratos, casou aos 18 anos com o fotógrafo Allan Arbus com quem começou a fotografar. A temática principal de sua fotografia era "o outro lado", mais angustiado, da cultura americana. Arbus experimentou com o *flash* durante o dia, permitindo destacar a figura principal do fundo das fotografias. Depois de se separar, aprendeu com Alexey Brodovitch e Richard Avedon. No início dos anos 1960 deu início à carreira de fotopermalista e publicou na *Esquire*, *The New York Times Magazine*, *Harper's Bazaar* e *Sunday Times*, entre outras revistas. Duas bolsas Guggenheim (1962 e 1966) permitiram-lhe desenvolver melhor um trabalho de autor, mostrado pela primeira vez em 1967 (colectiva *New Documents* Museum of Modern Art). Em Julho de 1971 suicidou-se tomando barbitúricos e cortando os pulsos. O catálogo da exposição retrospectiva que o curador John Szarkowski concebeu, em 1972, tornou-se num dos mais influentes livros de fotografia. Desde então, foi reimpresso 12 vezes e vendeu mais de 100 mil cópias. A exposição do MoMa viajou por todo o país e foi vista por 7 milhões de pessoas. No mesmo ano, Arbus tornou-se a primeira fotógrafa americana a ser escolhida para a Bienal de Veneza. Diane Arbus fotografou essencialmente pessoas à margem da sociedade e pessoas comuns em poses e expressões enigmáticas. Em 2007 estréia o filme 'A Pele', com Nicole Kidman, baseado em sua vida. "Para mim o sujeito de uma fotografia é sempre mais importante que a fotografia. E mais complicado..." (Cf. Huston, 2010, p. 128) e adaptado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Diane\\_Arbus](http://pt.wikipedia.org/wiki/Diane_Arbus); e <http://oseculoprodigioso.blogspot.com/2007/03/arbus-diane-fotografia.html>

Anima-a também o charmoso e inspirador pequeno jardim florido, a videira sobre os muros que vê da janela do quarto, a bela perspectiva dos telhados vermelhos que a despertam para a beleza de Florença. Afinal, insiste Z. Bauman, “o mundo do turista é total e exclusivamente estruturado por critérios estéticos (cada vez mais autores que se debruçam sobre a ‘estetização’ do mundo pós-moderno em detrimento de outras dimensões, também morais, descrevem – mesmo que inconscientes disso – o mundo visto pelo turista; o mundo estetizado é o mundo habitado pelos turistas” (2011, p. 133).

Personagem experiente, Rena sabe que escapa da mediocridade, e que a distância entre o mundo real e este mundo aqui e agora é feita do descompasso entre o que se quer alcançar e o que realmente foi. Quando fala sobre a vida urbana, Z. Bauman aponta para a figura do peregrino, tão antiga quanto o cristianismo, mas que, com a modernidade, ganhou importância e inflexão seminalmente novas: “Onde quer que o peregrino esteja agora, não é este o lugar onde ele deveria estar, e não é este o local em que ele sonharia se ver (2011, p. 115-116). Cidade emblemática da condição de turista, Florença contém a obra-prima de Brunelleschi. Galerias de arte, arcadas, medalhões Della Robbia, San Lorenzo... (p. 32). Renascimento, humanismo filosófico, base do otimismo moderno, que contém a visão do pensamento do filósofo Pico Della Mirandola (1463-1494) (p. 60). Vertigem! Por que ir aqui antes de ir lá, visitar isto e não aquilo? Ficar e não voltar? O que ao certo procuram os três familiares nessa cidade, e, por extensão e mais genericamente, na vida?

É Subra quem possibilita a Rena exteriorizar os anseios, o mal-estar, as dúvidas e os desequilíbrios que explodirão durante essa semana na Toscana. Uma explosão cujo epicentro, contudo, não é na Itália que se situa, mas no Canadá, nas lembranças que surgem da juventude, que nos revela a câmara obscura de Rena. Os instantes que ainda perturbam sua vida emergem: ausência da mãe, advogada brilhante, preocupada com a profissão, a luta e a enorme infelicidade de quebequenses grávidas, sifilíticas, drogadas, violadas, prostituídas; preocupada com as vítimas de incesto (p. 118-119), a doentia violência do irmão mais velho, Rowan. A descoberta de um clichê de Diane Arbus, que permitiu o nascimento de Subra, em 1969, quando Rena viu-se diante da foto de uma adolescente: cabelos longos, loiros, lisos, cuja franja espessa quase lhe esconde os olhos, vestido em renda branca parecendo arranhá-la, o rosto e todo o corpo congelados pela tristeza.

Se se pode fazer isso com uma máquina fotográfica, pensou consigo mesma, quero ser fotógrafa! Nessa jovem melancólica Rena reconheceu sua alma gêmea. Invertendo para nomeá-la o patronímico da fotógrafa ela resolveu tudo fazer para distraí-la e alegrá-la. Desde esse dia, a fricção do espírito de Subra contra o seu engendra-lhe calor. Como presente por essa interlocutora preciosa ela dedica um reconhecimento sem limites à fotógrafa americana (p. 50).

De Arbus origina-se o anagrama Subra: a primeira, Arbus, influenciou a vocação de Rena; a outra, Subra, compartilha seus pensamentos secretos, suas extravagâncias. Amiga íntima, consciência, ou irmã imaginária, Subra a acompanha por toda parte, ouve seus mais inconfessáveis segredos, seus fantasmas, a narrativa de sua educação sexual na rua Sainte-Catherine em Montreal, os jogos perversos aos quais Rowan a submetia; a dor de perder o primeiro marido, Fabrice, um haitiano que conheceu quando ainda não tinha dezenove anos e recém chegara a Paris com uma bolsa para estudar fotografia (p. 195); ele que não teve nem mesmo tempo de ver nascer seu filho, Toussaint, pois morreu de insuficiência renal aguda algumas semanas antes do parto (p. 191). É na memória da heroína que tudo acontece, e não na Itália. A cada lugar da peregrinação, seu contralugar oferece perspectivas de introspecção, de recolhimento. Em contraste, cada cena, vista em negativo, valoriza as sombras.

Depois de liberar as lembranças, Rena as reorganiza, retirando um a um os filtros que nelas havia colocado, desprovendo-as das interferências externas, como nas fotografias em infravermelho que capta sem a interferência da luz. Isso confere à narrativa o tom dramático, cada vez mais depurado. Por meio da evocação dos detalhes fantásticos que insere, ela solta as amarras que a prendem à rotina, alça voo, revelando que as pequenas e grandes tragédias, as dádivas que compõem o jogo da existência fazem parte de um sentimento maior que a distancia, na Itália, em sonhos interpostos em *itálico* – narrados em segmentos que antecipam todos os capítulos (menos os das terças-feiras) – ela procura compreender: a liberdade, os pensamentos eróticos ou o afeto são os mesmos que ela tem ante à vida, tanto mais real quanto mais se deixa guiar pelo amor, que, como Dante escreveu na *Divina Comédia*, move o sol e as outras estrelas e rege, por si, todas as coisas.

### **Viagem pelo erotismo literário**

Bernard Pivot<sup>5</sup> mostrou-se seduzido pela narrativa crua, precisa e sensual de Rena, mulher livre, que entende viver plenamente o papel de amante, mãe e artista. Contudo, segundo ele, reduzir o último romance de N. Huston às cenas eróticas seria injusto, mesmo que cada uma delas represente um apogeu do livro, após o que a narrativa segue até a próxima apoteose ao mesmo tempo do sexo e da narrativa. O jornalista, cujo olho não se engana, aponta o magnetismo de longa data característico da escritora de *Cantique des plaines* (prêmio Gouverneur Général, 1993; *Instruments des ténèbres*, Goncourt des lycéens, 1996; *Lignes de faille*, Femina, 2006, entre outros romances renomados). Mas é em *Infrarouge* que a protagonista, dois filhos, quatro maridos e inumeráveis amantes, é mais livre ao narrar e fotografar com alegre e descontraída sensualidade o sexo e o quanto deve ao sexo: “O desejo de um homem, sua... *autoridade*..., tem algo de hipnotizante. Sentir que ele escolheu você, você, neste instante, é uma delícia tão assustadora, tão euforizante! A mulher das cavernas certamente deve ter experimentado esta mesma fundição e este mesmo formigamento [...]” (p. 26).

Não se viaja pelo erotismo literário, nem se sente os mesmos efeitos quando se sabe o gênero do autor. Em *Infrarouge*, são duas mulheres que contam, duplo testemunho feminino: Nancy Huston e Rena Greenblatt. As mesmas cenas descritas com idênticas palavras, se assinadas por um homem, exerceriam o mesmo charme? pergunta-se agora o crítico B. Pivot, que vai mais longe e lembra a primeira vez que leu o prefácio de Jean Paulhan, do romance francês *Histoire d’O* (1954), de Dominique Aury; na ocasião ele acreditou que era um homem que o havia escrito. Quando bem mais tarde tornou-se pública a autoria de uma mulher do escandaloso romance, sua releitura acrescentou uma perturbadora emoção carnal à admiração que teve pela escrita!

Desde *Mosaïque de la pronographie: Marie-Thérèse et les autres* (1982), ensaio que segue *Dire et interdire: éléments de jurologie* (1980), primeiros estudos de N. Huston, entre os vinte e trinta anos, ela alterna a análise de obras pornográficas às

---

<sup>5</sup> No *Journal du Dimanche* (2 maio 2010). B. Pivot dedica toda a sua vida ao jornalismo literário. Fundador em 1975 da revista *Lire*, em cuja direção permaneceu até 1993, durante trinta anos ele manteve programas televisivos no Canal France 2 sobre literatura: “Ouvrez les Guillemets”, “Apostrophes”, “Bouillon de Culture”. Pivot tornou-se “o pivô” mais célebre da cultura da Europa e o jornalista mais popular e respeitado da França.

memórias de uma prostituta, a Marie-Thérèse do título, para denunciar a hipocrisia ou a inconsciência que permite aos intelectuais – em nome da liberdade de expressão – desfrutarem no plano do imaginário exatamente o que sofrem as mulheres em seus corpos. No prefácio da nova edição de *Mosaïque...* (2004) – a escritora, agora já aos cinquenta anos, ainda se surpreende com o lugar que a sexualidade ocupou em seus primeiros trabalhos.

Cabe aqui lembrar um de seus textos iniciais – que data dos tempos em que N. Huston posava como modelo nu – intitulado “Une femme libre”<sup>6</sup>, no qual seus amores adolescentes são descritos com franqueza total, em verdadeiro manifesto contra o *sexually correct*, que chocará muitos e fará outros tantos aplaudirem, mas que faz eco à corrente de escritura que consiste em contar as experiências mais íntimas como demonstração de liberdade, na esteira do que se denomina hoje de autoficção. Longe de buscar a promoção do seu “eu”, conforme nos diz Philippe Vilain na contracapa de *Défense de Narcisse* (2005), o escritor de autoficção visa ao contrário uma lição mais geral. Narciso não é somente eu, Narciso somos nós.

Em 2010, sua heroína Rena Grenblatt não fotografará apenas os sexos, os pedaços de carne humana, e sim corpos inteiros; o prazer, porém, jamais será o mesmo, pois, segundo ela, transcende os rostos dos homens: “No infravermelho, o belo é o que se passa além, em outra realidade. O que se fotografa não é o que se vê. É preciso *imaginar* ao que a coisa ajustada parecerá, uma vez revelada” (p. 127). Especialista na técnica que troca a realidade e a cor das coisas, que revela o escondido e desvela a aparência, mesmo que nessa viagem florentina Rena esteja “contida”, controlando-se na companhia dos convidados, as narrativas da aproximação carnal constituem-se em puros pedaços de literatura erótica, ao mesmo tempo crus, precisos, explícitos e sensuais. Os corpos dos homens que fotografa em detalhes, muitas vezes em pleno ato sexual, não captam apenas a luz visível, mas o calor, sua paixão pelo amor, as emoções eróticas. Barthes já dissera:

Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão –, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico (1984, p. 49).

---

<sup>6</sup> *Elle Québec*, n. 60, p. 67, avril 1995.

Rena usa sua capacidade de, a partir do corpo, capturar a alma do fotografado e revelar algo que nosso olho não consegue ver; usa sua Canon para convencer os homens que a interessam, e eles a interessam infinitamente. Segundo ela, os jogos, máscaras e teatros da virilidade são sempre silenciados, embora sejam fenômenos espetaculares. Ela também se infiltra nos estádios e fotografa os *hooligans*, jovens e menos jovens, torcedores ébrios de cerveja e testosterona, perdidos no entusiasmo coletivo, flutuando no anonimato da matilha masculina, urrando o nome do jogador preferido e insultando aqueles da equipe adversária [...]. Na superfície, os torcedores do Paris Saint-Germain, por exemplo, exibem uma virilidade assustadora; mas fotografados em infravermelho, vê-se que igualmente *aterrorizada* [...] (p. 128-129).

Sirvo-me de minha câmera para escorregar sob a pele das pessoas. Fazer ressaltar as veias, o sangue quente, a vida que corre em cada um de nós. Revelar a aura invisível, os vestígios deixados pelo seu passado sobre seu rosto, mãos, corpo. Explorar nas paisagens rurais ou urbanas o detalhe halucinante das sombras. Transformar o fundo em forma e a forma em fundo [...] Mostrar os instantes de vida que se entrecrocavam e interpelam. Estabelecer elos entre passado e presente, aqui e lá, jovens e velhos, vivos e mortos. Captar a instabilidade fundamental de nosso ser. De cada situação de reportagem, encontrar *um* indivíduo e tudo fazer para compreendê-lo acima de tudo. [...] Romper, graças ao infravermelho, o aqui-e-agora que é a própria essência da fotografia... (HUSTON, 2010, p. 66).

Abstração do visual, do tátil e do corpóreo, cabe lembrar que a fotografia, agora segundo o crítico literário norte americano Fredric Jameson, antes prima pobre da literatura, tornou-se importante na pós-modernidade, passando por hibridizações e enxertos com as outras artes. Para F. Jameson, hoje as artes se fundem, recorrendo uma a outra em simbioses novas e inesperadas.

O nu masculino no detalhe do quadro que ilustra a capa de *Infrarouge*, “Le jeune Saint Jean Baptiste au bélier” (1602), de autoria do pintor italiano Caravaggio (1571), remete ao erotismo perturbador do autor e à técnica claro-escuro que influenciou numerosos grandes pintores que vieram depois dele. Desperta também para o laboratório cosmopolita que o romance houstoniano apresenta, por meio das interações entre várias culturas apresentadas na narrativa.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Caravaggio levou uma vida dissoluta para a época, rica em escândalos provocados por seu temperamento violento e brigão, chegando a matar em uma briga. Sua frequência nas tavernas e casas noturnas e sua sexualidade escandalosa lhe renderam numerosos incômodos com a Justiça, a Igreja e o Poder.



## Peregrinações florentinas

Antes dessa viagem, a heroína de N. Huston percorreu o mundo a trabalho. Foi quando afinou suas experiências sexuais e multiplicou as aventuras, as provações. Agora, durante suas peregrinações pela cidade florentina, cuja beleza indolente, riqueza cultural e histórica ela louva, seu espírito se deixa levar pelas lembranças do passado que se interpõem, fazendo-a viajar novamente as viagens de outrora na viagem do presente. Seus pensamentos se evadem e presentificam as exposições “Les Aimés des Amants”, “Fils et Filles de putes”, nas quais fotografou famílias inteiras de mafiosos, interrogou as margens da sociedade, mostras que revelam seu gosto pelo marginalismo nas errâncias pelas cidades do mundo para fixar o instante, contemplar a realidade que, a olho nu, seria imperceptível. Assim que foca o objetivo, seus pensamentos cessam de se agitar e o universo se cala. É sempre a mesma felicidade intensa no exato momento antes de apertar o disparador, quando ela sente que a captação vai acontecer. Sob essa aparente tranquilidade descobre-se, entretanto, uma mulher machucada, abalada pelas dúvidas e interrogações existenciais.

Assim, dia após dia, etapa após etapa, com o cuidado do detalhe, N. Huston arquiteta o percurso físico e psicológico de sua heroína, abordando, além do singular, temas universais, entre eles a capacidade de perdoar e suportar dos seres amados as piores atrocidades. O terror dos homens ante a “origem do mundo”, as práticas ancestrais que, em todas as épocas e civilizações, foram elaboradas para submeter e humilhar as mulheres, dando-lhes uma força que se multiplica. Uma viagem entre ontem e hoje, aqui e além, em que se entrechocam as gerações e as culturas.

Biografia ou autobiografia em versão fotográfica, a leitura do romance leva a R. Barthes:

uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar, olhar. O *Operator* é o fotógrafo. O *Spectator*, somos todos nós, que compulsamos nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém através de sua raiz uma relação com o “espetáculo” e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto (1984, p. 20).

Na verdade, pode-se pensar que tudo o que restará dessa peregrinação será fotografia. Não muito diferente da vida. Passamos nosso tempo a enquadrar e a reenquadrar, a imobilizar, depois a retocar os instantes de nossa vida – para melhor preservá-los, protegê-los, impedindo-os de serem levados pela enlouquecedora onda do Tempo. Somente nós, protagonistas ou autores, seremos capazes de avaliar a real dimensão do que ali está representado.

Narrativa construída em oito capítulos, iniciados e encerrados na terça-feira, que se aproxima de uma exposição de fotografias, ao entrarmos nessa galeria nos perguntamos o que fomos fazer ali, o que queria a artista. Terminamos quase nos deixando levar pelos clichês, passando e repassando diante de alguns deles, tomados pelos efeitos de contraste que foram dando ao mosaico de polaróides coerência visual e narrativa.

O romance se apresenta também como crônica de peregrinação do dia a dia entre as obras-primas da pintura e da arquitetura italianas, uma peregrinação entrecortada pelas pausas alimentares enquanto o leitor penetra nas dobras da alma de Rena, que, ao contar seus pensamentos secretos a Subra, mistura sem cessar os tempos em saltos de um ao outro: “para os que peregrinam pelo tempo, a verdade está em outro lugar, o destino verdadeiro está sempre a certa distância, a algum tempo” (BAUMAN, 2011, p. 115). Fantasmas, culpas, lembranças reprimidas então afluem; a conquista, o poder de sedução, a cumplicidade com o pai na adolescência, a perversidade de Rowan, a partida da mãe, a paixão pela fotografia, o amor pelos homens e pelo sexo, as emoções eróticas, algumas reminiscências tão duras de aceitar, que por vezes Rena mente a si mesma.

Seguindo o percurso interior da heroína, passa-se sem transição das esculturas de Miguel Ângelo às experiências alucinatórias com LSD, da casa de Dante Alighieri às fotos do japonês Nobuyoshi Araki, da carreira de Diane Arbus ao destino de Lee Miller, a linda loira americana violada aos sete anos por um “amigo da família”, cujas fotos foram publicadas pelas revistas *Vogue* e *Life* (p. 62-63).

A busca pelos esplendores arquitetônicos italianos transporta o trio familiar de Florença a Siena através do olhar pouco banal da mulher livre e experiente que Rena é e assume plenamente sua idade, seus desejos emocionais e sexuais, e que no percurso explora o tema da infância, das relações familiares, os códigos feminino e masculino e os arquétipos enganadores.

Logo se compreende que N. Huston não nos levou à Toscana apenas pelo prazer de fazer turismo cultural com sua heroína. Sob o pretexto das visitas aos museus, às igrejas, às praças, ela encontra sempre a oportunidade para dizer outra coisa. Rena e Subra vão assim liberando suas reflexões, opressões, pensamentos, opiniões. Subra aprova o que Rena diz, suas brincadeiras, acredita em suas mentiras, acalma suas profundas angústias nessas férias que deveriam ser uma semana de entendimentos e reencontros em família, de prazeres, mas que se revelam pesadas, caras, trazendo à baila emoções enterradas, ocasionando desfechos definitivos.

### **Paratextos**

N. Huston estava de passagem por Montreal quando Nelly Arcan, nascida em Quebec em 1973, foi encontrada morta em seu apartamento, em 24 de setembro de 2009. Três semanas antes de sua morte, ela publicara uma breve história em sua coluna semanal da revista *Ici Magazine*, intitulada “Take me or you’re dead”. Nela detalhava sua experiência com um *stalker*<sup>8</sup>. Nesse momento tinha acabado de escrever *Paradis clés en main* (2009), seu último livro. Arcan e Huston não se conheciam. Escritora de outra geração, a quebequense admirava a albertana/parisiense profundamente. Entre ambas, um encontro frustrado, que não aconteceu. Na viagem que a levou de volta a Paris, N. Huston devorou de Arcan, *Putain* (2002, prêmios Médicis e Fémina); depois desse, os outros romances (*Folle*, 2004, *L’enfant dans le miroir* (2007), *A Ciel ouvert* (2007), em que as personagens mulheres também abordam a sexualidade com outro olhar, semelhante ao olhar de Rena, a heroína repórter-fotógrafa de *Infrarouge*. Outro modelo inspirador foi *Monólogos da vagina*, espetáculo teatral escrito por Eve Ensler, poetisa e feminista norte-americana, vítima de incesto. N. Huston participou de uma das leituras da peça e nesse momento sentiu nascer a heroína de *Infrarouge*. A ideia de alguém que tenha tomado a vitimização e dela feito algo benéfico e construtivo, a exemplo dos *Monólogos...*, inspirou-a a criar Rena, que, como Ensler, pendeu para o

---

<sup>8</sup> *Stalking* designa uma forma de violência na qual o sujeito invade repetidamente a esfera de privacidade da vítima, empregando táticas de perseguição e meios diversos: ligações telefônicas, mensagens de correio eletrônico ou publicação de fatos ou boatos em *sites*, remessa de presentes, espera da passagem nos lugares que frequenta, resultando dano à integridade psicológica e emocional, restrição à liberdade de locomoção ou lesão à reputação. Os motivos dessa prática são os mais variados: amor, desamor, vingança, ódio, brincadeira ou inveja. Estima-se que, nos Estados Unidos, cerca de um milhão de mulheres e 400 mil homens foram vítimas de *stalking* em 2002. De acordo com a legislação brasileira, o *stalking* configura contravenção penal (perturbação da tranquilidade).

lado da criação. A proposta da peça e do romance, na verdade, pretende instigar a refletir a respeito da relação da mulher com sua própria sexualidade; e Ensler conduz isso tão bem quanto Rena, de forma humorada, mas com alto teor de crítica e de reflexão.<sup>9</sup>

Apesar da marcada influência feminina, a masculinidade ocupa lugar de destaque no último romance de N. Huston: o personagem do pai, Simon, do irmão, Rowan, dos dois filhos, Toussaint e Thierno, dos antigos maridos de Rena, Fabrice, o haitiano, Khin, o cambodjano, Alioune, o senegalês, e Aziz, o argelino, sem falar nos inúmeros amantes, comprovam: a escritora também ama os homens. Romain Gary, notadamente, que ela qualifica como um dos maiores seres humanos e sobre quem escreveu *Le tombeau de Romain Gary*, ser inspirador, sem falar no ensaísta e historiador Tzvetan Todorov, seu companheiro há mais de 30 anos, que a encoraja desde o surgimento de seu primeiro livro e com quem tem dois filhos hoje adultos.

Se – fechando o parêntese e voltando ao romance –, em paralelo à descoberta de todos os tesouros culturais e arquitetônicos, a viagem à Toscana não cessa de se degradar e o “clima” entre a protagonista Rena e a madrastra Ingrid se torna cada vez mais elétrico, um acontecimento as obriga ao final a aliviar a pressão acumulada. Faz então sentido a abertura de pouco mais de uma página, após as duas epígrafes iniciais do livro, a primeira de Claudio Magris, a segunda dos Irmãos Grimm, quando Rena e Ingrid se abraçam depois de passarem a noite em claro na *stazione* Santa Maria Novella, quando o movimento do dia começa e Rena culpa-se, incrédula, de não ter adivinhado, de não ter nada sentido, nada compreendido, nada detectado, já que desde 1936 a fotografia em infravermelho é reconhecida por sua extrema utilidade justamente naquele domínio da medicina que vitimará Simon.

O círculo se fecha ao final: ao subir a calçada da Esplanada da Praça São Marco, no último dia da viagem, Simon tropeça, cai, bate com a cabeça no solo e se fere. Os três interrompem o passeio e rumam rapidamente para o Pronto Socorro “Arcispedale

---

<sup>9</sup> Eve Ensler esteve no Rio de Janeiro em abril/2000 para lançar sua premiada peça (Ed. Bertrand Brasil), traduzida em 15 idiomas, que propõe: “Fale sobre sua vagina... pense em sua vagina... fale com sua vagina...” A peça foi trazida para o Brasil em 2001 pela atriz e produtora Vera Setta, adaptada e dirigida por Miguel Falabella. Como na versão norte-americana, várias atrizes brasileiras já passaram por seu elenco: Totia Meirelles, Cissa Guimarães, Lúcia Veríssimo, Bia Nunnes, Betina Vianny e Mara Manzan. Atualmente, o elenco é formado por Elizangela, Fafy Siqueira e Vera Setta.

Santa Maria Nuova”, que reconhecem ao chegar: tratava-se por coincidência do mesmo local em que erraram e se perderam na noite da chegada à Itália!

Os resultados dos exames radiológicos de rotina feitos logo após revelam uma sombra que leva a novos exames; estes detectam no cérebro de Simon Greenblatt uma espécie de tumor primitivo no sistema nervoso, um glioma. Segundo o médico italiano, ele deverá ficar um ou dois dias no hospital, apenas o tempo de organizar sua hospitalização imediata em Montreal. Rena, ao escutá-lo, sentia “como uma multidão de camundongos em pânico”, os pensamentos correndo num sentido e noutro, percorrendo o filme da viagem na Toscana a toda velocidade e em desordem. Voltam então as imagens de seu pai tropeçando na *piazza* San Marco... descansando em vinte bancos diferentes... Pobre Virgílio!... sentado no chão no Museu da História e da Ciência... em pé no salão de Gaia, a cabeça entre as mãos... queixando-se de enxaquecas... esquecendo o lenço que lhe havia presenteado... Tudo isso: nem má fé, nem má vontade, nem mau humor, mas tão somente desde o início, desde o primeiro dia..., não..., desde bem antes, ninguém sabe desde quando... (p. 308).

E foi assim que as duas mulheres passaram a noite na *stazione* Santa Maria Novella, lado a lado, no momento em que o avião em que Rena viajaria decola do aeroporto Amerigo Vespucci para Paris.

O reencontro com o pai e com sua mulher ao final do périplo, no momento do seu fim, quando Rena havia perdido o emprego, o amante Aziz, a câmera, documentos e a bagagem, leva a refletir a respeito da dinâmica das viagens, daquela em especial, em seu ardor e paradoxos. As viagens

expressam – por mais que não falem – uma compreensão de como poderia ser a vida fora das restrições do trabalho e da luta pela sobrevivência. No entanto é raro que se considere que apresentem problemas filosóficos – ou seja, questões que exijam reflexão além do nível prático. Somos inundados de conselhos sobre os lugares *aonde* devemos ir, mas ouvimos pouquíssimo sobre *por que e como* deveríamos ir – se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples nem tão triviais, e cujo estudo poderia contribuir modestamente para uma compreensão do que os filósofos gregos denominaram pelo belo termo *eudaimonia* ou desabrochar humano (BOTTON, 2003, p. 17).

Para Rena agora reinicia uma nova vida, diferente, desprovida de quase tudo, depois dessa viagem, enriquecida, porém, da curta, mas rica experiência para fazer frente à realidade que enfrentará a seguir.

Extremamente documentado, nos espaços concretos do romance as representações imaginárias do lugar são colocadas em cena junto às noções de memória, de habitabilidade e hospitalidade, recorrentes em várias obras literárias e teóricas da contemporaneidade. Para Jacques Derrida, um ato de hospitalidade só pode ser poético. Poéticas são também as cenas ante as portas abertas dos espaços culturais visitados em Florença, que têm vínculo estreito com a localização, com a inquietude do desconhecido antes do lento trabalho de familiarização. Estar naquele mundo e a re/constituição da memória supõem o acúmulo de experiências vividas em um ou mais de um espaço. Mas, se por um lado visitamos e habitamos lugares, por outro eles nos habitam ao longo de nossa existência. Na preservação do passado histórico e de elementos do passado pessoal da heroína, fica garantida a continuidade do sujeito paterno, recriado a partir da memória e da narrativa quase biográfica, mesmo que fugindo dos padrões tradicionais do gênero.

Volta-se em *Infrarouge* aos temas caros a uma das melhores romancistas de expressão francesa da atualidade: o feminismo intransigente, que não exclui o gosto pelos homens; a família, berço de todos os infernos (“seus olhos refletem os demônios de sua infância”); o tempo que voa e rouba nossos filhos (“um dia, não se sabe quando, paramos de jogar aquele jogo com o mais velho. Depois com o mais moço”)<sup>10</sup>; a linha vermelha que atravessa toda a obra houstoniana: a ausência da mãe. Reencontramos nessa viagem mais uma vez a Nancy Huston que seduz, a criativa Sherazade que faz re/viver o dia a dia, a novela tragicômica das férias frustradas, a exploradora que conduz às dobras da alma e do tempo. Uma mulher que não renuncia, que maneja alto e forte a mais bela das armas, a narrativa ficcional, gênero desacreditado na Europa, cuja importância Romain Gary, expatriado como ela, a fez compreender, pois evidencia uma realidade além da realidade, levando seus leitores a escapar do tédio graças à imaginação.

\*\*\*

---

<sup>10</sup> Cf Anne Brigaudeau.

## Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo : Editora Escuta Ltda. 2003, p. 4.

HUSTON, Nancy. *Infrarouge*. Arles: Actes Sud, 2010.

BRIGAUDEAU, Anne. *Infrarouge*, chaleureux roman signé Nancy Huston. Disponível em: <<http://culture.france2.fr/livres/actu/infrarouge-chaleureux-roman-signé-nancy-huston-62848760.html>>.

CLÉMENT, Éric. Nancy Huston: pure et crue. Disponível em: <<http://www.cyberpresse.ca/arts/livres/201006/04/01-4286740-nancy-huston-pure-et-crue.php>>.

CAUSERIE et lecture avec Nancy Huston. Disponível em: <<http://radiospirale.org/capsule/causerie-et-lecture-avec-nancy-huston>>.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Diane\\_Arbus](http://pt.wikipedia.org/wiki/Diane_Arbus)

<http://oseculoprodigioso.blogspot.com/2007/03/arbus-diane-fotografia.html>